

ANA PAULA PONTES DA SILVA ANDRADE



VIOLÊNCIA

Tombo n.º
Classif.:
Ex.:

Origem:
Data:

ANA PAULA PONTES DA SILVA ANDRADE



VIOLÊNCIA

Trabalho apresentado à FACER como requisito parcial a Disciplina Dissertação Filosófica II, para fins avaliativos do professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos.

30762
300h

Tombo n°	10239
Classif.:	
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	02.06.05

Rubiataba/2001

POEMA DA PROSPERIDADE

Nem a tristeza, nem a desilusão,
Nem a incerteza, nem a solidão,
Nada me impedirá de sorrir.
Nem o medo, nem a depressão,
Por mais que sofra o meu coração,
Nada me impedirá de sonhar.
Nem o desespero, nem a descrença,
Muito menos o ódio ou alguma ofensa,
Nada me impedirá de viver.
Em meio das trevas, entre os espinhos,
Nas tempestades e nos descaminhos,
Nada me impedirá de crer em Deus.
Mesmo errado e aprendendo,
Tudo em será favorável e necessário
Para que eu possa sempre evoluir,
Perseverar, servir, cantar,
Agradecer, perdoar, recomeça...
Quero viver o dia de hoje
Como se fosse o primeiro, o último, o único.
Quero viver o momento de agora
Como se ainda fosse cedo, nunca fosse tarde,
Quero manter o meu otimismo,
Conservar o meu equilíbrio,
Fortalecer a minha esperança,
Recompôr as minhas energias,

Para prosperar na minha missão
E viver alegre todos os dias.
Quero caminhar na certeza de chegar,
Quero buscar na certeza de alcançar,
Quero lutar na certeza de vencer,
Quero saber esperar
Para poder realizar os ideais do meu ser.
Enfim,
Quero dar o máximo de mim,
Para viver intensamente e maravilhosamente
Todos os dias da minha vida.

(Luizinho Bastos)

DEDICATÓRIA

Em primeiro lugar dedico este trabalho à Deus, início, meio e fim de nossas vidas, que me iluminou e me dando forças para prosseguir esta caminhada.

Em segundo lugar à meus pais por me incentivarem e me apoiarem em todos os momentos de minha existência.

Aos professores que me auxiliaram nestes quatro anos, objetivando o aumento dos meus conhecimentos, sendo amigos e companheiros.

Aos meus irmãos que além de amigos, tiveram paciência comigo nos momentos em que eu estava cansada ou nervosa pelo cansaço da jornada de trabalhos.

As colegas que estiveram comigo, partilhando os mesmos sonhos e objetivos, nas alegrias e frustrações de todo esse período de estudo.

Enfim, à todos que direta ou indiretamente contribuíram p execução deste trabalho e finalização deste curso.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade, analisar as diversas formas de violência no Brasil, bem como aprimorar os conhecimentos sobre a mesma, mostrando que o homem por si só, é um ser violento: desde o nascimento somos influenciados à ela. Porém, algumas vezes, somos obrigados a usá-la em legítima defesa.

Veremos que a violência faz parte de nossas vidas, do nosso dia-a-dia, independente de nós ou de nossas ações.

Compreenderemos as diversas faces da violência, não conseguindo decifrar qual ato é violento, pois eles se perdem em suas diversificações.

O tema da violência é tratado em quatro capítulos. O primeiro capítulo trata de conceitos de violência numa visão filosófica, sociológica e comum. O segundo capítulo busca mostrar a violência como algo próprio do ser humano. Este a carrega desde o nascimento até a morte. O terceiro capítulo mostra os diversos tipos de violência existentes em nossa sociedade, também a violência como mecanismo de dominação e estratégia de sobrevivência. A última parte, analisa os tipos de violência existentes no Brasil, buscando mostrar que na grande maioria das vezes, os governantes não fazem nada para diminuir ou exterminá-la e acaba por "incentivá-la" à todo momento.

CONCEITOS DE VIOLÊNCIA

À primeira vista, temos a violência como um constrangimento físico ou moral, uso da força; coação.

É muito comum hoje, as pessoas terem manifestações impetuosas o que causa às vítimas um constrangimento físico e moral. Muitas vezes, o constrangimento físico. A vítima acaba por se sentir humilhada, oprimida pela agressão.

Para a Filosofia é uma ação contrária à ordem ou à disposição da natureza. Nesse sentido, Aristóteles distinguia o movimento segundo a natureza e o movimento por violência: o primeiro leva os elementos ao seu lugar natural, o segundo afasta-os. É também uma ação contrária à ordem moral, jurídica ou política. Nesse sentido fala-se em “cometer” ou “sofrer” violência. Algumas vezes, esse tipo de tipo de violência foi exaltado por motivos políticos. Assim, Sorel fez a distinção entre violência que se destina a criar uma sociedade nova e a força que é própria da sociedade e do estado burguês.

A palavra vem do latim *vis* que significa “violência”, “força”, “vigor”, “potência”. *Vis* designa mais precisamente o emprego da “força”, às “vias de fato”, a “força das armas”. É interessante observar que *vis* serve para marcar a essência de um ser. Assim percebe-se que a violência é algo próprio do ser humano.

Pode ser vista também como o emprego ilegítimo ou ilegal da força. Falando dos sentimentos ou dos atos: é algo que quase sempre se trata de impulsos que escapam à vontade. Seu princípio pode ser, em certos casos, a vontade – de lutar por seus interesses/ideais, por aquilo que se quer -, e a resistência pode resistir nos instintos. A palavra violência tomou um sentido mais definido depois de

Nietzsche, G. Sorel e o sindicalismo revolucionários, que introduziram modos de ver sistemáticos contra direções ou os freios intelectuais, e preconizaram “a ação direta”.

Em Sociologia, os estudos de etologia sôbre a violência enfatizam a idéia de agressão como uma forma ou como um aspecto genético do comportamento animal. O cientista social, no entanto, procura abandonar o elevado grau de generalização desses estudos a fim de chegar à apreensão do caráter social e político do fenômeno considerado em situações específicas.

Da mesma forma que tem uma feição própria de acordo com a situação em que se manifesta, a violência não se identifica plenamente à noção de conflito. O conflito é um processo endêmico em toda estrutura social e não se reveste necessariamente de características violentas. O mesmo ocorre em relação ao conceito de revolução. Embora numa revolução geralmente haja recorrência, pelo menos em potência, à violência socialmente organizada, a recíproca nem sempre é verdadeiramente, ou seja, existem numerosos casos de violência – mesmo em larga escala – que não se associam a mudanças revolucionárias.

A violência implica a utilização da força visando a destruir ou infligir dando a outrem, mas pode ter um fim em si mesma, ou objetivar uma mudança de comportamento.

A VIOLÊNCIA DO EU

A família desempenha um papel primordial na vida de todo e qualquer ser humano. Ela é responsável pelo modelo que a pessoa terá em termos de conduta, no desempenho de seus papéis sociais, das normas e valores que controlam esses papéis. Mas é através da família que o ser humano inicia sua vida e de forma violenta: o recém-nascido é expulso do ventre materno, nos gritos da mãe, entre sangue e dejetos. Esta é uma violência encarnado: apodera-se de todo o corpo e leva-o a um impulso criador de vida.

Sobre essa violência biológica, vital, se coloca uma série de intervenções (médicas, culturais e morais), que acabam por deixar impressões, tanto na carne como na alma da criança, que marcam e poderão até mudar o seu destino.

Frédéric Leboyer, em sua obra. Para um nascimento sem violência nos convida a observar com atenção a "máscara de angústia e horror" do bebê, ou seja, su "grito de agonia", e a tomarmos consciência do "suplício, calvário e massacre de um inocente"¹.

Se formos observar há meio que um traumatismo, uma ruptura brutal, dramática, determinante na passagem de um meio intra-uterino, que é calor, proteção euforia, para um meio exterior, o mundo, que é dura necessidade, agressão, desamparo, sofrimento...

Esse "traumatismo" é carregado pelo ser humano por toda a vida, o que um trazido sério problema, em nossa sociedade atual.

¹ *FRÉDÉRIC, Leboyer, Pour une naissance sans violence (Para um nascimento sem violência), Seuil, 1974*

Toda a existência humana, toda a civilização – trabalho, cultura, criação, pensamento, sexualidade, etc. – não passa de um constante e até heróico esforço para encarar de frente, tentando passar por cima do traumatismo causado pelo nascimento, ferida original que definitivamente marca e institui ao mesmo tempo o ser humano, violência verdadeiramente ontológica, fundadora.

Inaugurada sob tal símbolo, a infância humana passa a ser o teatro de temíveis confrontos, lutas inexpiáveis, onde se combinam num embaraçado literalmente louco, desvairado, fonte de loucura, as violências internas constitutivas do próprio psiquismo e as violências externas exercidas sob muitas formas pelo ambiente. Explorando o psiquismo da criança, Freud² demonstrou a que ponte ele está entregue, sem ou quase sem recursos, a estas dualidades belicosas: pulsões do eu e pulsões sexualis, pulsão de vida e pulsão de morte.

Para Mélanie Klein³, desde cedo, o recém-nascido atravessa estados de angústia persecutória ligadas à fase de exacerbação do sadismo; o bebê que mama experimenta igualmente sentimentos de culpa por força de suas pulsões e fantasmas destruidores que são dirigidos contra seu primeiro objeto, sua mãe...

Mostrando a ação prematura do complexo de Édipo, do Superego, da pulsão de morte e, buscando noções clínicas para qualificar as difíceis fases do desenvolvimento infantil Mélanie Klein descreve de forma surpreendente a violência destruidora que opera no universo da criança: "É uma idéia assustadora, para não dizer incrível, a que oferece ao nosso espírito a imagem de um bebê de seis à doze meses tentando destruir sua mãe com seus dentes, suas unhas, seus excrementos e todos os meios que suas tendências sádicas colocam à disposição e que sua imaginação transformam em armas perigosas. Sei por experiência a quanto é difícil admitir que estas idéias revoltantes correspondam à realidade, mas as análises de todas as crianças pequenas não deixam dúvida, pois elas nos oferecem com precisão e evidência o espetáculo das crueldades imaginárias que acompanham estes desejos em toda sua abundância, sua força e sua multiplicidade."

² FREUD, Sigmund, "Um enfant est batter", in *Nérvrose, psychose e perversion* (Neurose, psicose e perversão), p. 221.

³ KLEIN, Mélanie, *La Psychanalyse des enfants* (A psicanálise das crianças), p. 5.

Em nossos dias, isso é muito real: as crianças possuem comportamentos muito agressivos, aquilo que mais chama atenção é algo violento, que indique brigas, agressões e violência de um modo geral. Quando se refere à brincadeiras, sempre querem brincar de luta, porrada. Se brincam de carrinho, sempre se referem a batidas, acidentes e mortes.

Muitas vezes, a família, espaço fechado e cheio de carinho, de afeto, acaba sendo palco de cenas e atos violentos, o que estimula ainda mais o lado violento que cada ser humano possui: mostra-se um ambiente privilegiado de relações de força, dominação, tirania parental castradora.

Nessa mesma visão, mas em outro plano, percebemos que um grupo de crianças, afastadas do convívio e da vigilância social, não pode fazer outra coisa a não ser voltar à uma rudez "primitiva". William Golding⁴ nos mostra isso em *O Senhor das Moscas*, um breve relato filmado por Peter Brook, relata colegiais britânicos que, ao naufragarem em uma ilha deserta, decidem por puro sadismo sacrificar um deles. Essa situação quase sentimental faz voltar a superfície uma violência que costuma-se qualificar, com certa indiferença, de muito antiga, antepassada, atávica - formas usadas para confirmar que a estrutura essencial do homem violento está sempre presente em todo lugar. O quadro apresentado nos mostra o mau êxito de um sistema educativo que se mostra fraco, incapaz de mudar o potencial de violência do sujeito, e que apenas usa próteses culturais que se quebram, se partem na primeira oportunidade.

Tratar a violência e como a violência, e como a violência, é a função fundamental, antropológica da educação fundamentadora da humanidade. Esta função só se cumpre, se descobre através da função técnica – que consiste na transmissão dos conhecimentos e aprendizagens, que a sociedade acredita ser indispensáveis; os esforços que são existidos da pessoa – atenção, memória, raciocínio, além das competências solicitadas – leva a uma forma de violência intelectual que, apesar de criadora e gratificante, não deixa de magoar, ofender, ser vista como violência: pensar é um ato violento; e da função cultural – que tem como objetivo equipar a pessoa com comportamentos modelados pela sociedade. Através

⁴ GOLDING, William, *Sa Majesté des Mouches* (O Senhor das moscas), Gallimard.

destes poderá se integrar na mesma. Neste caso ocorre uma violência cultural, de várias formas e de pressão constante – ou o sujeito segue as regras impostas pela sociedade ou é “excluído” dela. Só se consegue o status social de pessoa unificada e reconhecida através dessas regras.

O que a função antropológica da educação busca, andando por obscuros caminhos, é chegar a integração do homem na humanidade e elaborar, reconstituir a cada dia a humanidade com os recursos humanos que ela dispõe, trabalhar e tratar a estrutura humana do ser violento de forma que continue, mesmo que por meio de desvios, loucuras e fracassos, a essência do homo sapiens.

A educação acaba se vendo desarmada e se subtrai, achando melhor insistir nos objetivos técnicos e culturais que respondem às necessidades claramente estabelecidas na sociedade. Neste sentido, está a sua vitória e a sua derrota, pois ela só consegue fazer com que a violência, radical da ser violento não se erga em busca de respostas que nunca surgirão. A violência integrado do sistema educacional deixa subsistir quando ela não favorece em função de afinidades eletivas e rituais de violência; uma violência própria, sem qualquer interesse político, sexual, etc.

As sociedades mais tradicionais vêem a adolescência ou a pré-adolescência como uma fase difícil, em que atos violentos são constantes: mutilações, brutalidades, privações isolamentos... Como isso, a impressão que predomina é a de uma violência social, institucional, que vê na adolescência uma ocasião difícil, sensível, adequado e decisivo, para dominar e deixar o seu sinal definitivo. Ao passo que a criança é vista como o centro de atração e de concretização da violência extremamente sensível, a adolescência pode ser vista como a encruzilhada de violências: o corpo está passando por uma série de transformações: crescimento de pêlos mudança da voz,. Menstruação, ejaculação, etc. Estas transformações acabam por interferir brutalmente no desenvolvimento, aceitação e percepção de si mesmo. Tudo isso ilustra de modo espetacular a relação violenta da pessoa com o seu próprio corpo: o adolescente é a prova, incansavelmente constrangedora e traumatizante de uma violência orgânica. A violência social se mostra em todos os sentidos: repressão e regulação da sexualidade, pressões educativas e profissionais, problemas de integração – marginalização, estruturação da personalidade, exploração política, etc. O nosso

sistema social visa encaminhar para o seu proveito a violência adolescente: acaba moldando-os, levando-os para o fim que quiserem. O adolescente por estar em conflito, acaba entrando na “onda”, sem perceber que as conseqüências poderão ser trágicas.

O quadro de uma violenta adolescência, seja voltada para ela mesma – suicídios, drogas, problemas mentais, atitudes de fracasso – ou dirigida para os outros – agressões, delinqüência, estragos, roubos, etc. – é bastante conhecido. Menos conhecido, mas muito determinante é o trabalho exercido pela pessoa nela própria quando se encontra acurvado diante das escolhas essenciais e das interrogações cruciais sobre toda a existência, e precisa enfrentar a sexualidade, o trabalho e a racionalidade.

Os termos agressão/violência possuem tantas conotações, que, na realidade, perdeu e diluiu seu significado. Embora seja interessante conceber a violência e a agressão como processos comportamentais, por não se tratarem de conceitos simples e unitários, também não poderão ser definidos como tal, permanecendo difíceis de serem analisados isoladamente de outras formas de comportamento.

Pode-se perceber que a tendência a agressão – muito comum na adolescência – e a violência são concebidas como traços de personalidade, como respostas aprendidas no ambiente, como reflexos estereotipados de determinados tipos de pessoas ou até como manifestações psicopatológicas.

Freud não é o descobridor do ego, nem tampouco foi a primeira pessoa a falar deste; pois o ego é tão antigo quanto foi o primeiro a usar o vocábulo Ego para denominar um conjunto de agentes psíquicos constituidores do subconsciente, causa dos defeitos psicológicos, emocionais que constituem a estrutura das neuroses e psicoses, por meio de uma investigação psicológica profunda dos processos geram a violência e a consciência no ente humano. Em sua Psicanálise, método de tratamento criado por ele para diagnosticar e tratar das desordens mentais. Freud dá o nome de ego para um conjunto de elementos psíquicos, de valores positivos ou negativos manifestos na psique do homem.

Tudo que possuímos no universo relativo, se apresenta sob a forma de matéria, energia e luz. A matéria segundo Einstein é a energia que perde

temperatura, se apassiva, pois o movimento de seus átomos se torna mais lento. A energia é a luz condensada (apassivada). A luz é a mais alta fonte de dinâmica subatômica, a mais alta realidade de forma de energia do universo relativo. O ego é a forma de energia apassivada a partir da essência. Portanto, é a luz da essência cósmica numa frequência vibratória menor. Na realidade, o ego é uma forma de energia psíquica grosseira, que impede a manifestação da essência na forma de consciência. Em síntese, o ego é a treva, antítese da luz da essência, sintetizada a partir do rebaixamento da frequência desta, para ofuscar a consciência.

Sabemos que dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço, ao mesmo tempo, lei da inércia. Da mesma forma, no nosso espaço psicológico, não podem atuar ao mesmo tempo, a essência (consciência) e o ego (subconsciência). Na realidade a essência age, por que é pró-ativa, e o ego reage ante os acontecimentos, porque é reativo. É um conjunto de eus que geram os defeitos, enquanto que a essência produz as virtudes através do ente humano.

A psicologia revolucionária, criada pelo Mestre Samoel, diz que o homem moderno possui somente 3% de essência produtora de virtudes, de qualidades, contra 97% de eus, germes do ego, geradores de defeitos: entre eles, todo tipo de agressividade, violência, depredações, etc.; e apenas 3% de virtudes, em suas relações interpessoais e, também, nas relações com o próximo, com o Cosmo e consigo mesmo.

Devido ao ego, o homem não possui individualidade definida e sim uma multiplicidade de comportamentos que se alternam entre si, de instante a instante, através da personalidade. Amarguras, dificuldades, etc., são efeitos da falta de unidade psicológica do homem. há uma falta de organização psíquica em cada ser humano, decorrente da atuação dos múltiplos agregados psíquicos, etc.

Dentro de cada ser humano vive milhares de seu, que podem ser evidenciados através da prática da auto-observação, conforme asseverou o Mestre Samael; o que pode ser comprovado por cada ser ao perceber as inúmeras mudanças de comportamento, reações e contradições que se dão no seu interior.

A mente é como um palco e os eus são os atores, que aí atuam e cada um ao cumprir o seu papel cósmico de papel cósmico de drama, de comédia ou de tragédia é destronado pelo seguinte que entra em cena, conforme pode-se

comprovar na prática através dos ensinamentos deixados pelo Mestre Samael. Da mesma forma, não possuímos um eu permanente, mas muitos eus, que geram comportamentos efêmeros; é uma legião de eus diabólicos, uma multidão de elementos infra-humanos que tomam os homens seres agressivos, depredadores, usuários de drogas, violentos e absurdos.

Dos ensinamentos deixados pelo Mestre Samael e que podem ser comprovados, conclui-se que também é uma absurdo a teoria do Eu Superior e Eu Inferior, conforme apregoa a psicologia convencional. Por que estes são partes da mesma coisa, assim como o ponto-de-partida e o ponto-de-chegada de um móvel pertencem a uma mesma trajetória de movimento. Assim como o ponto inicial e o ponto final de um seguimento de reta formam duas secções de uma mesma coisa, a superior e a inferior, o Eu Superior e o Eu Inferior em nós são dois aspectos do mesmo ego pluralizado, tenebroso e absurdo.

O Eu Divino ou o Eu Superior é uma disfarce ideologicamente formulado pelos inimigos da paz e da justiça social. Certamente é uma evasiva, um meio de manter a sociedade na obscuridão, na ignorância e na violência generalizada.

Dentro de nossa personalidade (persona), que em Grego significa máscara, vivem muitíssimas personagens diferentes entre si, algumas boas, outras más, umas melhores, outras piores, algumas gulosas que levam o comer excessivamente, outras beberronas que levam aos bares, outras luxuriosas que levam ao abuso sexual, ao adultério, á fornicação; há aquelas iradas que levam ao desentendimento, à agressividade, à briga, à morte, há outras cobiçosas que levam à trabalhar compulsivamente, outras preguiçosas que conduzem à inércia total, etc.

Cada agente psicológico luta por sua hegemonia no espaço psicológico, querendo exclusividade, ao tentar controlar o centro intelectual por meio de pensamentos, o centro emocional através de sentimentos, o centro motriz por meio de movimentos, o centro sexual através do sexo desenfreado e o centro instintivo pelo automatismo da mecânica animal, conforme ensina o Mestre Samael.

Para o Cristianismo, os eus, componentes do ego, recebem a denominação de Legião, e os efeitos deste são chamados pecados. Aí o conjunto dos elementos psíquicos compõem um universo de sete Legiões: Cobiça, Gula,

Luxúria, Inveja, Ira, Orgulho e Preguiça, o que geralmente na adolescência é muito comum.

A atmosfera da mal envolve no Gênesis, tudo que se refere à trabalho, racionalidade e sexualidade. A vergonha da nudez que fundamenta o casal original e o sofrimento que atinge o parto marcam a sexualidade como pecado e maldição; o proibido afasta o homem da árvore do conhecimento associando assim a razão humana à transgressão; o trabalho é destinado a permanecer-se como labor maldito. Pecado, maldição, interdição, transgressão... – todas essas marcas evidenciam um eixo de violência. Mas podemos procurar ver essas questões por outro lado, mais positivo, agradável e bom: deixando os abusos, excessos, máculas ou outros desvios de lado e vendo a sexualidade como obra do divino, que leva à união e ao convívio, abrindo caminho para o amor terno, afetuoso; o trabalho como atividade criadora vital, feliz, que dignifica o homem, e o exercício da razão como algo que exprime a admirável capacidade e grandeza do homem.

As estreitas relações entre violência, de um lado, e sexualidade, trabalho e racionalidade de outro, baseiam-se principalmente em um grande jogo de trocos, substituições, alianças, rejeições e compromissos, onde cada um dos elementos ataca, apossa-se do outro, para trabalhá-lo e retrabalhá-lo, num processo infinito de transformações mútuas – de tal forma que aparece de forma valiosa e insuficiente, tenebroso e lúcido, esta forma singular de violência que temos precisamente como fundadora da humanidade.

O ser humano é um ser sexual; e a influência da pulsão sexual é tão forte e dominante, que há séculos ela alimenta discursos – que causam aflição ou alegria – de poetas, filósofos, moralistas e literatos, evocando “a escravidão do sexo”, “o demônio da carne”, o império dos sentidos”, “o fogo da paixão”, e muitas outras figuras que nos levam sempre ao ponto modal do sexo como violência elementar. Com menor evidência, o determinismo do trabalho – natural ou econômico – é de maior extensão, uma vez que ele administra as relações vitais entre o homem e o mundo; na luta pela vida, o homem se submete aos constrangimentos inevitáveis da “natureza”; e esta permanece sendo – apesar de todas as mudanças/tratamentos que sofreu, incluindo os progressos técnicos e artificiais –, o poder maior sob o qual ele se curva. Da mesma forma, ele deve entrar fatalmente mestre neste mundo chamado “razão humana” que definiria sua própria e

“intrínseca natureza”. Hoje em dia é comum recusarmos esta última, acusado de ser pura abstração, apenas buscaríamos esclarecer o fato de que não senso a razão “natural, essência inata, ela violenta o homem ao apossar-se dela, sendo por ele identificada e registrada como poder central e supremo na estrutura do seu ser.

Em relação aos determinismo violentos, as pessoas inserem sua própria violência, que os modifica, debilita, ou tranqüiliza. A sexualidade, determinismo biológico, é submetida a uma grande quantidade de regras, obrigações e proibições; a sociedade impõe ou reprime as escolhas, objetivos, comportamentos, os modos de relação, e inclusive os sentimentos e emoções mais íntimas. Uma das mais massificadas e excelentes formas de violência e sem qualquer sombra de dúvida, aquela que a pessoa culpa com mais intensidade, é exposta pela intervenção contínua e imperativa da sociedade na organização sexual do indivíduo, que conduz o tecido social, puxando para si todas as conspirações e tramas. O trabalho poderia ser visto da mesma forma, pois parece querer, cada vez mais, mostrar a maldição divina. Horários, gestos, ritmos, condições morais e materiais: o trabalho é exposto e sobretudo vivido, como uma coleira, uma corrente de ferro, embrutecimento, escravidão, alienação, inferno... – violência cotidiana e massificada que pode ser vista em livros, filmes, jornais, etc. Assim, a sociedade, o homem acaba por transformar a razão humana em arma, instrumento de combate, que tem como finalidade ser “mestres e possuidores da natureza”⁵.

Essa razão conquistadoras, sempre exige uma certa violência, pois tudo se volta para a exterioridade, a matéria, a quantitativo, o mecânico; deixando de lado a interioridade, o qualitativo e a imprevisível flexibilidade de quem vive. A razão acaba praticando o autoritarismo: ordena sob sua orgulhosa tutela as imagens, os afetos as vontades, os fantasmas, pretendendo organizar com coerência e unidade. Esta acaba por possuir vocação totalizadora, assumido pela filosofia submisso à soberania do conceito, leva ao gesto totalitário, para onde encaminham várias visões da história e ideologia políticas que julgam, alimentadas como estão de razão violenta, poder “racionalizar” a violência.

Tentando compreender, através do “olhar” da violência, a singularidade do homem, percebe-se que ela se alimenta e se clareia do choque das violências

⁵ DESCÁRTES & GARNIER-FLAMMARION, Discurso do método, p.84

que nós, por necessidade de análise, isolamos e confrontamos, e do paroxismo que daí resulta - violência multiplicada, portando, do modo que a vemos predominar, comumente dentro e fora de nós. Assim, o que a torna mais original e decisivo, é o fato que as diversas formas de violência, chocando-se e enlaçando-se umas às outras, provocam captação e inibição, de certo modo, toda violência funciona como resistência à outra violência que tende a fixar; as violências se destoem, uma dentro da outra, resultando uma violência desacelerada.

As muitas formas da violência planejam ou “perlaboram”, através de suas combinações, suas trocas, suas agitadas turbulências, o eixo central de energia fazendo resistência, que toma forma no homem violento. Neste ponto, a violência se irradia, fazendo com que vários raios cresçam; estes crescem até o estouro apocalíptico – bomba em Hiroshima – e acaba por se fixar, conter-se e suspender-se: grande densidade a alma humana, extraordinária vibração, que talvez consiga por um momento único, suspender a violência.

Como se pode perceber a violência é sempre uma resposta a outra violência. Vivemos em um mundo que constantemente lança para todos os lados, um grande número de atitudes violentas: deixando o eu totalmente atacado, desprotegido, vitimado. As ameaças, agressões, hostilidades e duros golpes o atinge através do outro, fundamentando-se. Para dar consistência e coerência ao próprio eu é necessário, acusar o outro como detentor da violência: reflete-se no outro a própria imagem. Com isso, dá-se uma definição fraca, “não violenta”, da violência ela é aquilo que o ser humano não faz outra coisa senão aplicar/justificar.

Assim, temos: de um lado a violência original do Gênesis e de outro, nada se pode afirmar sobre uma origem da violência. Com isso, as pessoas vivem afirmando que sofreram algum tipo de violência mas, nunca violentaram, ou seja, agrediram “em legítima defesa.” A humanidade prefere “se fazer” de inocente, fazendo de conta que não existe uma “verdadeira” violência, mas uma contra-violência, se esquecendo de que todas as contra-violências justas esclarecem melhor a estrutura de um ser violento, iluminam sua face de agressão, revelando que o homem é um ser-contra. Henri Michaux⁶ compõem uma idéia do homem-

⁶ Henri Michaut, “Contre!”, in *La Nuit remue* (A noite inquieta), Gallimard,, p.80.

contra. Este é “bruto, armado de picaretas, facas, vidros..., maquinado para rasgar, arrancar, cortar, retalhar, despedaçar... o outro!

Até mesmo na violência voltada contra si – mais conhecida como masoquismo – o outro está presente, envolvido. O outro procura estar presente, seja por “bem” ou por “mal”: as portas do eu estão sempre abertas. E nem sempre isso é visto como algo produtivo pode ser visto por um lado bom – ajuda, amizade, paz...- como por um lado ruim – me ocupa, invade os meus sentimentos... Portanto, a violência não é vista no outro, o outro é visto como violência, tudo o que faz, toma algo “meu”, diminuindo assim o ser, o eu.

Para o eu é insuportável ver o outro como algo que “ocupa”, pois ele entra no mais íntimo do ser, fazendo com que o eu veja no outro a sua própria imagem, ainda que desconhecida: vejo no outro o reflexo de minha própria imagem. O outro acaba por castigar-me, violentar-me ao tentar se identificar comigo, pois acaba soterrando a minha identidade.

Olhar é uma das grandes formas de violência: desdenham, penetram, fuzila... Se observarmos bem tudo nos leva à uma fenomenologia da violência cotidiana: mínimas, gestos, palavras, tons de voz, posturas, etc., e estes mensageiros da violência podem ser vistos como elementos imediatos da consciência, onde nos encontramos, por sermos do mesmo barco, estarmos na mesma extensão de ondas, vibrações do homem/ser violento.

Para resistir às altoridades violentas, o ser sofre violências: de um lado a consciência, assegurando uma identidade intrínseca, em torno de um eu consciente – pressões do superego – e de outro a sociedade exige uma orma de identidade que ela mesmo determina e “exige” que seja comprida. Com isso, o indivíduo, a partir de sua própria identidade, colocando seu eu em questão glorie a violência...

Outra forma de violência que está com o ser humano é o tempo. Sabemos que tudo passa: esse passar traz consigo algo que de alguma forma nos marca cotidianamente: o envelhecimento – do corpo, da alma, enfim, da pessoa inteira. É uma violência trazida pelo próprio movimento da vida, que nos aproxima da morte.

Tudo passa, e a única certeza que temos é que tudo que nasce um dia vai morrer. O homem traz consigo a certeza da morte. Esta é a última e ao mesmo tempo a primeiríssima violência infligida à humanidade. Com a morte o tempo deixa no ser homem uma vidência aberta, uma ferida que nunca mais tem cura – saudade: certeza que nunca mais verá nunca se fecha, apesar do choro, das rezas e coroas de flores, lutos, etc. A morte dá início a um mistério inapreensível, fazendo o ser humano pensar sobre seu modo de vidas, atitudes e ações, repensar toda a existência anterior, trazendo sempre presente os reflexos funestos da falta.

Assim, a morte parece colocar um ponto final na violência do tempo. Ao mesmo tempo, as pessoas têm medo que os mortos voltem, mesmo que como fantasmas. Por isso, vivemos fazendo “culto à eles”, rezando por eles, etc.

Dizer do “defunto “: “ele partiu”, é uma forma do ser vivo colocar para fora o desejo profundo e violento de se libertar do outro: que ele parta para nunca mais voltar. Que ele leve consigo a violência para nos deixar em paz! Mas se ele vota, trará consigo toda a violência que possui.

A morte de certa forma, nos mostra que o ser humano será transformado em coisa – os processos de cada verização, imobilização total, petrificação e mineralização o homem se transformará em “pó”.

Se pegarmos o livro dos Gênesis, vemos que Adão, o primeiro homem, foi formado à partir da “terra”. Em nossas vidas o que mais fazemos é nos distanciar dela – violência primordial – então, nada pode ser mais cruel (do que a certeza de que iremos voltar à ela, nos tornando coisas entre coisas: “Do pó veio, ao pó voltará”.

Assim, a morte acaba por nos mostrar uma violência original, originária, de extração vital e que muito além de criações e destruições, do bem e do mal, funcionaria como poder instaurados do homem violento.

A VIOLÊNCIA DO NÓS

A violência em nosso mundo está tão comum, que pensar e agir em função dela deixou de ser um ato circunstancial, se transformando em uma forma do modo de ver e de viver o mundo do homem. Principalmente do homem que vive nas grandes cidades, que atualmente, se tornou o lugar de cultura de todos os tipos de violência.

Todas as vezes que ouvimos falar de violência, a primeira imagem que nos vem à mente, é a que se exprime pela agressão. Essa agressividade faz parte da própria vida, relacionando-se desde o início com a luta pela sobrevivência, variando muito de acordo com as causas e os efeitos, na intensidade, frequência e e circunstâncias em que se vive. Se apresenta em muitas formas, às vezes, em duas ou mais ao mesmo tempo. Por isso, deve ser vistas de acordo com as suas manifestações biológicas, psicológicas, éticas, sociais, jurídicas, políticas, estratégicas...

Durante milhões de anos a agressividade humana, quase sempre de um modo equilibrado, estava presente no convívio de todos os seres vivos. As primeiras explicações da agressividade se originam na teoria da evolução, de Charles Darwin, a partir da qual se difundiram noções como "seleção natural", "sobrevivência do mais apto" e "luta pela vida". Mas o homem só se limitava a esses aspectos antes de ser completamente ele próprio, isto é, quando ainda era um primata como tantos outros. O homem habilidoso, que fazia ferramentas e armas, que viveu há mais de dois milhões de anos, já possuía alguma linguagem eficiente, já experimentava emoções complexas e, portanto, já seria capaz de alguma agressividade de abordagem psicológica.

Muito mais tarde, o homem agricultor, organizado em grupos ou sociedades estáveis, conhecedor da escrita e de técnicas cada vez mais apuradas, tornou-se capaz de várias formas de agressividade que já podiam ser controladas ou compreendidas a partir de códigos morais e jurídicos, que adquiriram sentido político e militar, que envolveriam problemas cada vez mais difíceis e passariam a ter desse modo, na esfera individual ou coletiva, seus desvios patológicos manifestações de caráter doentio, irregular.

Com o aparecimento, ao longo dos séculos, da agressão humana de caráter anômalo, de conseqüência perigosas ou altamente destruidoras, forma-se procurando mil modos de controlá-la. Feiticeiros, sacerdotes, e autoridades de toda e qualquer espécie, tentaram, cada qual a seu modo, exorcizar ou combater os excessos de agressividade e seus inconvenientes. Surgiram assim, as normas de comportamento social, como dos Dez Mandamentos, as muitas etapas de codificação do direito penal, o direito internacional, as convenções que regulamentam até certo ponto, a própria agressividade entre os povos.

A agressão física em qualquer um de seus níveis, atinge diretamente o homem tanto naquilo que possui, seu corpo, seus bens, como naquilo que mais ama, seus amigos e sua família.

Essa violência, em qualquer intensidade que esteja, está presente em todas as classes: desde os bairros mais sofisticados até as favelas. Podemos observar que a violência nas classes altas, pouco se difere da que acontece em outras, às vezes, é até mais cruel e aterrorizante, como por exemplo, o que aconteceu com o índio Galgino Pataxó. Ela se estende do centro à periferia da cidade, com seus longos braços, que envolvem à tudo e à todos, criando algo que pode-se chamar de "democracia da violência".

É lamentável vermos hoje que a arquitetura perde seu sabor pela vida exterior e interioriza-se, buscando desesperadamente a segurança e a defesa. Ontem, as residências traziam o mundo exterior para dentro de si mesmas e a ostentação era o prazer de uma convite à contemplação. Hoje, a nova arquitetura preocupa-se em assegurar, para os moradores de uma residência, a segurança de um caramujo, de uma tartaruga.

A violência sempre existiu, não de forma tão clara, não tão perto de nós. Podemos observar que antigamente nas casas, não existiam muros altos mais, belos jardins com bancos confortáveis para se descansar ao final da tarde, juntamente com os vizinhos e observar as crianças brincarem na rua. Atualmente, não existe mais esse relacionamento com vizinhos, crianças não ficam soltas nas ruas. Mesmo que quizessem não poderiam, pois existem paredões enormes, que cercam toda a casa, equipados com aparelhos eletrônicos, alarmes, etc. – realidade de classes média e alta. Porém, nas favelas, onde as pessoas não têm condições de construir muros altos para escorraçar a violência, ela é uma realidade com a qual se convive. Sobreviver aí, é sofrer; produzir violência, é defender-se de balas perdidas, guerras: polícia X traficantes, etc.

A violência está de tal modo enraizada no homem moderno que não se pode deixar de indagar se ela é um fenômeno típico de nossa época; se é um traço essencial que individualiza nosso tempo. Será a violência um elemento estrutural que permite diferenciar o modo de vida atual, daquele que existiu a cem, duzentos ou trezentos anos atrás?

Creio que não. O viver em sociedade foi sempre um viver violento. Se voltarmos no tempo, podemos perceber que a violência está sempre presente, sempre aparece em suas várias faces.

A Bíblia nos mostra em vários de seus livros exemplos de violência. No início do livros dos Gêneses – a criação – Deus cria todas as coisas sobre a terra e depois cria o homem e a mulher lhes dando domínio sobre todas as coisas e atribuindo-lhes como missão crescer e multiplicar-se.

Ao criar o homem “à sua imagem”, o Senhor o dota do privilégio de ser aquele que domina todos os seres vivos. Assim, homem e mulher são colocados no jardim eternamente primaveril, mas proibidos de colher os frutos da árvore da ciência do Bem e do Mal. Tentados pela serpente, eles comem os frutos e perdem a inocência, sendo expulsos do Paraíso. Assim, são condenados: um, a trabalhar e tirar do próprio esforço, com o suor do rosto seu sustento; a outra, a sofrer as dores do parto.

Se observamos bem, os gestos criadores, são apresentados como um “trabalho” – Deus decreta, no meio, separa, divide, classifica – todas essas

atividades não deixam de trazer como conseqüência uma violência ordenadora. A única ocasião onde a violência parece isentar-se é no sétimo dia, quando Deus “descansou, após terminar o trabalho que havia feito”.

Deus dá o paraíso, mas “não se pode tocar na árvore do bem e do mal”, isto acaba se tornando uma norma. Esta, uma vez estabelecida deve ser cumprida. Caso alguém a transgrida, abrisse o caminho para uma punição.

Nesse caso, um parto é uma tragédia pela incerteza do resultado. Vida e morte estão sempre próximas, uma e outra são sofridas com resignação. O alimento é conquistado com todo o suor do rosto do homem. Quando ele lhe falta, pela ocorrência de pragas ou secas prolongadas, a morte toma de conta impiedosamente, despovoando cidades e vilarejos.

Outra violência contida no livro dos Gênesis, é o assassinato de Abel por seu irmão Caim. O dilúvio é uma violência inaudita, inigualável, parasítica, extinção total de tudo que existia na terra . O dilúvio conseguiu um extermínio quase perfeito, uma verdadeiro biocídio, onde a violência de Deus, aniquila a violência dos homens. O relato da Torre de Babel nos mostra a violência paranóica dos homens. O relato da Torre de Babel nos mostra a violência paranóica dos homens que querem edificar “uma torre que o cume alcance o céu”, responde a sanção divina embaralhando a linguagem dos homens e dispersando-os por toda a terra. Incompreensão dos homens entre si, multiplicidade dos grupos; tudo isso, faz com que se instaure, e perpetue, por séculos dos séculos o reino da violência.

Adão e Eva, Caim, o Dilúvio e a Torre de Babel, são uns dos exemplos de violência encontrados na Bíblia. Se formas mais adiante, no tumultuoso curso da violência nos textos bíblicos, ainda veremos desde a chuva de enxofre e fogo que destruiu Sodoma e Gomorra, até o limite absoluto da violência: Jesus Cristo, feito homem, morrendo crucificado.

A história nos mostra expressões diretas, concretas, cruas, pelnas de violência. Ela enumera a violência testemunhando assim, a implacável onipresença e o reino entrecortado do homem violento.

O ato violento se insinua, freqüentemente, como um ato natural, que muitas vezes, passa despercebido. Não traz em si uma etiqueta de identificação. Atitudes violentas como as guerras, agressões físicas... passam a ser vistas como

algo secundário – matar em defesa da honra, da pátria, deixa de ser um ato violento e se converte em um ato normal -, a preservação de “valores” é colocado acima do respeito à vida.

O homem já nasce violento, isso é nato. Usa a violência para se defender a violência, pois não é só a violência física que o expulsa de viverem sociedade e o apavora. Há outros temores, outros medos que assaltam-no e acabam por moldar o seu estilo de vida.

A violência possui várias caras, se apresenta de várias modalidades, fazendo com que o homem, em seu cotidiano, se submeta à diversos tipos de constrangimentos: fome, miséria, desrespeito, não ter direito à educação, saúde, lazer, moradia, tudo isso é violência. Todo e qualquer direito que nos é negado, é uma forma de violência.

Há costumes, tradições, leis implícitas ou explícitas que encobrem certas práticas violentas “normais” na vida em sociedade e que dificultam compreender de imediato o seu caráter.

A guerra nos mostra uma violência institucionalizada, que possui regras e leis visando uma “busca pela paz”, que reconhece o inimigo como pessoa com os mesmos direitos, respeita feridas e prisioneiros, poupa as populações civis, etc. Temos assim, uma imagem ideal de guerra, que acaba por se confundir com os massacres que aconteceram e acontecem em nossas sociedades. Este mostra um mundo de ódio, desprezo e pulsações destrutivas: os feridos são exterminados, os prisioneiros mortos, mulheres, crianças e idosos executados, violenta-se, tortura-se, mutila-se, queima-se, esfumaça-se... Com isso, atinge-se o máximo do horror: uma destruição deliberada, sistemática e programada por tudo e por todos, onde as pessoas de um modo geral são acusados e tratados como seres “inferiores”, “subhomens”...; têm-se como objetivo acabar com o problema através da eliminação total dos indivíduos.

Ontem como hoje, acontecem situações de fome, miséria, doenças, epidemias, enchentes, etc. Não existe nenhuma diferença entre as situações do passado e as situações atuais.

A sociedade humana aparece, como filha da injustiça e da desigualdade, sem que essas possam ser atribuídas à ação do homem.

permanecem como um substrato último da sociedade, uma estrutura inconsciente que inibe todo o esforço humano para superá-la.

Nunca se ouviu falar tanto em paz como nos tempos de hoje, mas também, nunca houve tantas guerras, tanta violência. Riquezas e misérias são consumidas através da televisão, do cinema, dos jornais e revistas em doses muito grandes, fazendo com que sintamos uma sensação de alívio, porque a miséria está com o outro e a riqueza um dia poderá estar conosco.

Agimos como se a desigualdade fosse uma norma estabelecida pela natureza da sociedade e contra a qual pouco é possível, enquanto o “mundo for mundo”. Essa maneira de pensar/agir institucionaliza a desigualdade, fazendo-a parecer como natural a distinção entre homens que “possuem” e homens que “não possuem”.

A naturalidade da desigualdade, que nos tem sido imposta só pode ser compreendida quando se percebe que ela é uma condição de estruturas sociais, que a reproduzem como algo aparentemente natural. As experiências históricas do homem, enquanto ser social, não conduzem, nem permitem considerar a violência da desigualdade como consequência obrigatória e natural das relações entre os homens.

A violência da desigualdade existe não porque o homem quer, nem por ser algo natural em nosso viver, mas, aparece em condições históricas específicas e se perpetua porque essas condições também se perpetuam, mesmo que modificadas as maneiras de aparecer.

Atualmente, nossas relações com a sociedade em geral, com o outro, estão cada dia que passa mais distantes e indiretas. Estão sempre mediatizadas por formas e instituições que camuflam o fato de que numa sociedade de homens, o elemento essencial são a relação entre eles. Quando o homem se torna adulto, é que esse processo de afastamento se torna mais concreto, pois cada um está em busca de seus próprios ideais. Assim, não conseguimos conhecer e muito menos nos reconhecer no outro. Com isso, o homem passa a viver sob uma única perspectiva: ser médico, engenheiro, professor, operário... – vivendo em função de seu trabalho –, deixando de exercer sua função cidadão: não cumprindo seus

deveres, nem exigindo os seus direitos, passando a ser um instrumento de domínio e violência. Nos é imposto a ausência de qualquer sentimento de solidariedade.

A institucionalização da miséria, do sofrimento, da dor, da ignorância, da indiferença pelos outros, do não saber sobre si e sobre a sociedade, não ocorre porque o homem é mau, ocorre pelo fato de que uma sociedade que foi estruturada para permitir que a competição, o sucesso pessoal individualizado sejam os padrões de aferição do que o homem é, não pode preparar o homem para ver no seu semelhante outra coisa senão um concorrente ou uma presa a ser devorada.

Toda violência é institucionalizada quando admitimos uma relação de força como algo natural. As pessoas estão perdendo a coragem de lutar por seus direitos, por que luta virou sinônimo de agressão. Infelizmente esta é a verdade, se um funcionário pede aumento ao patrão, este diz: “não posso, estamos em contenção de despesas. Se não está satisfeito existem várias pessoas que faz o seu serviço bem mais barato”. O que fazer? A pessoa necessita do salário para o sustento da família; por isso, fica quieta, alienada, impossibilitada e o pior, acomodada.

O regime nos molda de acordo com o seu próprio interesse. Muitos acreditando que os ricos têm direitos e os pobres deveres. Assim, as leis consagram os limites de violência permitidos em cada sociedade.

Ao escrever o estado de natureza, Hobbes afirmou que, numa situação em que “os homens vivem sem outra segurança senão a que lhes pode ser oferecida por sua própria força”, a vida do homem é “solitária, pobre, sórdida, embrutecida e certa”. A violência urbana, em sua expressão mais exacerbada, aproxima-se dessa condição que idealmente existiria antes do pacto de proteção mútua, fundamento da sociedade e do estado. É a expressão que designa o fenômeno social de comportamento deliberadamente transgressor e agressivo, apresentado pelo conjunto de cidadãos ou por parte deles, nos limites do espaço urbano. Sua manifestação mais evidente são os altos índices de criminalidade grave; a mais constante é a infração dos códigos elementares da conduta civilizada.

Fenômeno disseminado em todas as grandes cidades, violência urbana é determinada localmente por valores sociais, culturais, econômicos, políticos e morais de uma sociedade. Com a uniformização dos comportamentos típica do final

do século XX, no entanto, ela incorpora modelos copiados dos países de maior influência na esfera internacional. As populações de países subdesenvolvidos, por exemplo, aprendem e reproduzem, muitas vezes com pequenas modificações, padrões culturais de procedimentos violento originário dos Estados Unidos, como a formação de gangues de rua, a pichação de paredes e a expressão artística que tem a violência como tema.

As manifestações mais extremadas da violência urbana ocorrem em sociedades nas quais há uma tradição cultural de violência e profundas divisões raciais, sociais e econômicas, como nos EUA. Marcaram a década de 1990, por exemplo, as cenas dos motins que sacudiram Los Angeles depois que um júri, formado por brancos, absolveu quatro policiais brancos acusados de espancar um negro. Iniciada em Los Angeles, a revolta-se estendeu por diversas grandes cidades americanas e atingiu especialmente os bairros centrais, em que se concentra a população negra pobre. Nos dias de tumulto, dezenas de pessoas foram mortas em espancamentos, incêndio de carros e saque de estabelecimentos comerciais.

A violência urbana é grande também em países em que funcionam mal os mecanismos de controle social político e jurídico pelo estado, que detém o monopólio do exercício legítimo da coerção. Em países como o Brasil, de instituições frágeis, profundas desigualdades econômicas e de classe, uma tradição cultural de violência, a realidade do cotidiano dos habitantes das grandes cidades é violenta. São freqüentes os comportamentos criminosos graves: assassinatos, linchamentos, assaltos, tráfico de drogas, tiroteios entre quadrilhas rivais e corrupção, além do desrespeito sistemático às normas de conduta social estabelecidas pelos códigos legais ou pelo costume. Uma das causas da violência urbana no Brasil é a aceitação social da ruptura constante das normas jurídicas e o desrespeito à noção de cidadania. A sociedade admite passivamente tanto a violência dos agentes do estado contra as pessoas mais pobres quanto o descompromisso do indivíduo, com as regras de convívio. Ficam impunes o uso da tortura pela polícia como método de investigação; a ocupação de espaços públicos por camelôs e donos de carros; as infrações de trânsito; a incompetência administrativa; a imperícia profissional; a negligência causadora de acidentes e o desrespeito ao consumidor. Entre os cidadãos habituados a esses comportamentos, encontram eco as formas violentas de fazer justiça, como a pena de morte, e mesmo o fuzilamento sumário,

linchamentos e castigos físicos. É freqüente a aprovação popular da punição violenta sem julgamento, especialmente se entre as vítimas se encontra presidiários ou ativistas políticos.

É comum em nossa sociedade, o desemprego do ser um candidato potencial a marginalidade criminal. Um vez desempregado, o trabalhador brasileiro é lançado à sua própria sorte, sendo obrigado a ingressar no nebuloso mundo do biscoiteiro. O fato de estar marginalizado, acaba sendo um apoio à criminalidade.

Cada um desses fatos é uma violência social que denigre e humilha o ser humano, parecendo negar a própria razão do homem viver em sociedade, cada um desses fatos desrespeita o homem, por lhe negar essa condição.

Toda violência é social, mas existe aquela que realmente engloba toda a sociedade essa sim, é denominada "violência social", Por exemplo, a poluição ambiental. Somos conscientes de suas consequências, porém, somos obrigados a suportá-la, pois na lógica do sistema, capitalista de produção, impedi-la seria antieconômico, especialmente para os países subdesenvolvidos. Outro exemplo de violência social é a existência do menor abandonado e da delinqüência. Existe em todo o mundo: com índices maiores em alguns países e menores em outros. Infelizmente o governo não prioriza esse problema, pois não é de seu interesse, ele só prioriza o que diz respeito à economia do país. É incrível como há seres humanos que não se mobilizam ao ver crianças roubando para matar a fome, cheirando cola porque não têm escola, matando porque não possui família; tudo isso influencia as consequências desta triste realidade.

A violência política está presente no mundo inteiro. Nenhum país, nenhum povo, está livre dessa violência. Esta assume várias formas assassinato, invasão de um país por outro, desaparecimento de dissidentes, leis que não permitem às classes sociais organizar seus sindicatos.

O exercício do poder sempre implicou numa violência política de cima para baixo e, ao mesmo tempo, houve a necessidade de fundamentá-la através de textos legais que a revestem de arremedos de legalidade e legitimidade, para que haja uma punição. O assassinato de Paulo César Farias, a Guerra do Iraque e a corrupção – caso Pitta... são alguns exemplos.

Os políticos de nosso país usam o poder, como uma forma de dominar o povo. O ideal de dominação é aquele que a configura como uma resposta aos desejos do dominado, fazendo-o crer que é a origem e o objetivo das medidas restritivas.

Todo e qualquer Estado moderno possui extenso e variado arsenal de meios que pode manipular a opinião do povo facilmente. Esta manipulação se inicia desde o momento do nascimento e se intensifica à medida que o indivíduo começa a se servir dos serviços do Estado.

A educação é um instrumento privilegiado de dominação, pois trabalha com um material altamente sensível: a criança e o jovem. Esta educação não se limita só ao sistema escolar ao sistema educacional formal, deve-se abranger muito, sem excluir os chamados meios de comunicação de massa.

Hoje, a formação da mentalidade e da opinião públicas é totalmente dependente desses veículos, que “selecionam” o que se deve ler, ouvir e ver. Na maioria das vezes, interpretam e transmitem, de maneira que as pessoas não exerçam seu próprio senso crítico em relação ao fato divulgado.

A presença constante dos meios de comunicação, leva-nos a consumir suas verdades como se fosse nossas, rouba-nos o poder de crítica e habitua-nos à passividade.

A televisão está cheia de violências políticas e é a que mais nos domina: impõe valores de vida, transforma as fantasias douradas em razões de vida. Tenta nos imbecilizar fazendo crer que o que põe à nossa frente é a verdade.

Mas a violência política não se restringe aos campos da educação e dos veículos de comunicação de massa, é um monstro de mil faces, cada uma delas mais hedionda que a outra.

Falar em violência política implica em falar na violência revolucionária. A violência revolucionária é uma violência política, no entanto, ela goza de um prestígio tal que, muitas vezes, a palavra “revolucionário” é utilizada para justificar movimentos políticos eu longe, muito longe, estão de ser revolucionários. A chamada revolução de 64 é um exemplo típico. Como todo movimento político, que utiliza a violência como instrumento de sua ação, busca justificar seus atos de terror e de exceção pela inovação do seu caráter revolucionário.

A VIOLÊNCIA NO BRASIL

A violência têm suas origens na fundação de nosso país. Os chamados bandeirantes “conquistaram” o Brasil com muita brutalidade. Primeiramente adquiriram a confiança dos índios e tempos depois, quando já estavam acampados nas proximidades das aldeias, atacavam. Os índios eram mortos ou acorrentados, sendo levados à escravidão.

Em dias atuais muitos tipos de violência são tolerados e em alguns casos até mesmo incorporados pela sociedade, que só se revolta quando os fatos são mostrados e explorados pela mídia. Somos condicionados de maneira a acreditar que todos os favelados são, automaticamente, bandidos. Pobre não tem direito a cidadania, e assim, passa a viver em um submundo vítima da violência imposta por pessoas de classes média e alta que sentem-se ameaçados.

Nas ruas encontramos, em muitos casos, uma polícia arbitrária, agressiva e muitas vezes bandida. Policiais são instruídos não com o intuito de proteger e orientar os cidadãos, mas sim o de combater inimigos. Estes têm estas características, talvez, por carência de acompanhamentos psicológicos, conscientização da não necessidade de força física em todos os casos. Os policiais muitas vezes, possuem problemas tão graves quanto o infrator: acabam por utilizar o local de trabalho como “válvula de escape” para a amenização destes.

A maior parte da violência é gerada pela falta de recursos sociais – educação, geração de emprego, acesso aos bens culturais, saúde pública, saneamento –, à muitas pessoas esses direitos são negados, o que leva o ser humano a viver em submundo de pobreza e miséria. Campanhas publicitárias não faltam, mas a teoria nunca chega na prática. Assim, a população continua cada vez

mais miserável, os jovens não têm perspectivas, acabando por encontrar como fuga o alcoolismo e as drogas.

As desigualdades sociais aumentam cada vez que o salário dos trabalhadores tem um poder menor de compra; os preços aumentam, mas os salários permanecem como que congelados. Para aqueles que não recebem apenas um salário mínimo tudo continua igual, problemas materiais não existem até que esta desigualdade afeta-os pela revolta que gera.

Num quadro onde o salário dos trabalhadores têm decrescido ano a ano e uma alta taxa de desemprego ameaça o sobrevivência das famílias, a violência – num contexto crônico de falta de moradias e de miséria tem todas as condições para se expandir cada vez mais.

A arrocho salarial dos últimos anos e a instabilidade de emprego, ou a completa falta dele levaram a violência para dentro das casas: são mulheres assinaladas, crianças espancadas e, muitas vezes assassinadas. A violência no trânsito, por sua vez, gera 650% mais mortes do que aquelas acarretadas por brigas, tiros, facas, etc. O número reduzido de policiais, sua má formação tornaram o quadro ainda mais negro. Pode-se dizer que a credibilidade das instituições policiais no país está ao nível do chão. A competição aberta de alguns grupos de policiais com quadrilhas de bandidos, ou mesmo sua união, é coisa comprovada.

Fernando Gabeira acha uma ilusão se querer monopolizar a explicação do problema da criminalidade e dizer que ele é só social, só econômico, só psicológico: “A violência é um desafio que envolve todas essas disciplinas numa penitenciária da Califórnia, por exemplo, eles partiram do pressuposto de que mudando a alimentação eles limitariam a agressividade da massa presidiária. Acabaram com a carne e conseguiram resultados expressivos na queda da violência. A descoberta da dimensão mística e religiosa também pode dar um efeito positivo sobre a violência. Enfim, o tema é muito rico para se buscar a penas uma causa. Mas é claro que no Brasil a causa é predominantemente social”.

Por que tantas pessoas se matam e são assassinadas nas periferias das grandes cidades? Não podemos mergulhar nos sociologismos: precária infraestrutura de serviços públicos, pouco mais de uma dezena de escolas para meio milhão de moradores, que ganham em média entre um e três salários mínimos. Tudo

ajuda para que entre cem óbitos, dez sejam por homicídios nessa região. O que não impede a esmagadora maioria da população ser limpidamente honesta. Percival de Souza, num de seus comentários explica: "mata-se demais porque ninguém é punido".

Não há nenhuma dúvida que durante décadas o aparelho polícia civil foi corrompido pelos governos em sua formação, salário e equipamentos. Na periferia, perdeu-se a noção que o atendimento policial é um serviço público. O contingente é culpado até que se prove o contrário.

Pesa igualmente a rede sem fronteiras que articula polícia e marginalidade – legiões de delatores, colaboradores, aparentados de policiais, amigos de protegidos. Versão brega da rede de compadrio das classes médias que se tece pela polícia do Estado, disputando empregos e lucros gratuitos. Na periferia, as disputas são menores e mais vitais proteção do pequeno comércio, vingança por assassinato, prisões para atemorizar, estrutura de vingança, enfim onde se confundem as relações privadas e os circuitos do aparelho do Estado.

Se é inegável que crises econômicas e sociais podem estar associadas a certos tipos de violência, o crime e a criminalidade são os lados mais visíveis dessa violência. Ao desconhecer as razões que levam a maioria dos cidadãos ao crime, a sociedade não tem conseguido criar mecanismos eficazes de evitá-lo.

No nó de problemas que constituem a violência no Brasil, muitos fios devem ser desembaraçados e sistematicamente percorridos para que se retome a costura. Um deles é o da relação entre a criminalidade e a pobreza. As explicações deterministas e reducionistas sistematicamente vêem nos pobres os mais acostumados à criminalidade ou ao uso da violência. Se é inegável que crises econômicas e sociais, podem ser associadas ao aumento de certos tipos de crime, a equação não se explica pela relação direta e imediata entre a baixa renda e a criminalidade. Essa equação assim posta, apesar de falsa, acaba por criar estereótipos fortes sobre quem são os criminosos potenciais. Construi-se assim, um dos mecanismos mais eficazes na ampliação da criminalidade e no surgimento de uma certa solidariedade entre os que desrespeitam a lei eventualmente e mesmo que já optaram por uma carreira criminosa, de um lado, e os trabalhadores, de outro.

A criminologia mais veiculada pelos encarregados da repressões ao crime no Rio de Janeiro ainda não perdeu sua associação com a demonologia. A guerra clandestina é também uma guerra simbólica que pretende fixar os agentes do mal e do bem absolutos no plano jurídico as conseqüências são desastrosas: processos mal executados, pistas forjadas ou eliminadas segundo o status social do acusado e seus protetores, a violência sem disfarces quando o suspeito não têm recursos. As qualificações de “monstros”, “bestas”, “câncer social” são aplicadas aos criminosos pobres e até aos menores abandonados.

O efeito de tal discurso é evidente: desumanizar os assim qualificados retirando-lhes o direito a qualquer tratamento humano e considerando-os um mal a ser eliminado, a fim de que a sociedade “sã” sobreviva. A presença quase que exclusiva da polícia nos bairros pobres, nas favelas e as distância dos órgãos do judiciário tomam ainda mais fechado e longínquo o discurso da lei, desconhecido dos moradores desses locais. O código de leis resume-se ao número de seus artigos que pode-se “pegar”, dependendo do acaso ou da sorte. Nas classes populares, o descrédito na polícia e no judiciário gerou uma atitude exterior ao argumento da lei, de tal forma que crime e castigo aparecem dissociados, ou mero efeito da sorte de cada um ou da proteção de poderosos, até mesmo do crime organizado.

Uma parcela da população, dificilmente calculável, expressa de forma descontrolada a sua insatisfação. É a última, a mais desesperada reação daqueles que não encontram nenhuma perspectiva de melhora a curtos prazos. Ao contrário do que ocorre com furtos e roubos, não visa qualquer usufruto ou vantagem por parte de quem pratica o ato de vandalismo. Na mesma linha agem os maridos que num momento de desespero, quebram os pratos de suas próprias casas, se vão ao bar quebram as garrafas, privadas arrebatadas a marreta, janelas arrancadas com pé-de-cabra, fogão todo retorcido, excremento nas paredes... Estes atos de vandalismo são a expressão da insatisfação do sujeito consigo mesmo e com a sociedade que o envolve.

O que impedirá estes atos de vandalismo? Em primeiro lugar, distender a pressão social, adotando algumas medidas urgentes. Mesmo sem atender à todos em todas as suas necessidades, o governo precisa pelo menos acender uma esperança. Do contrário, teremos a multiplicação destas revoltas selvagens que não

são organizadas, não são direcionadas, não são frutuosas, são simplesmente destruidoras.

O sintoma mais dramático desta situação de desespero ocorre quando há um atraso nos meios de transportes. Em vez da população, organizadamente reivindicar aos poderes públicos melhorias no serviço de transportes, parte se para o quebra-quebra, a destruição de trens e ônibus – o que não só resolve o problema, como o agrava.

A violência sexual revela as grandes proporções dos crimes associados ao sexo. Está presente não só nas ruas, cometidas por estranhos, mas também dentro de casas, envolvendo marido e mulher, pais e filhos. Na maioria dos casos, o motivo alegado para o crime é o ciúme. A defesa principal é apoiada na idéia de “lavar” a honra manchada.

A maioria destes crimes só ocorriam na periferia das grandes cidades, entre a camada mais pobre da população. Ali, onde as dificuldades da vida eram maiores, a brutalidade dos “chefes de família” era ainda mais comum do que no resto da sociedade. E não se restringia aos assassinatos. Muito freqüentes eram os episódios de “violência grave” contra as mulheres. Eram agressões que não resultavam em morte, mas em geral exigiam internamento hospitalar das vítimas.

Esse tipo de agressão, atualmente, vem tomando grande parte das camadas mais favorecidas da população. Nesse caso, muitas vezes o motivo do assalto é o roubo, seguido de estupro das vítimas.

Os homens tornaram-se vítimas da violência sexual nas condições terríveis das cadeias: a cura denunciada inutilmente uns cem números de vezes, era uma agressão praticamente certa em muitos presídios do país, cujas instalações eram mais do que precárias.

O trânsito têm sido motivo freqüente de um relacionamento tenso e às vezes violento entre a população e as autoridades, centrado principalmente na questão dos acidentes fatais – atropelamentos – em zonas residenciais ou de alto movimento de pedestres. A impunidade e a falta de fiscalização são fatores geradores dessa violência. O estresse, o próprio trânsito difícil das grandes cidades, problemas familiares ou financeiros e o álcool freqüentam também o elenco de causas do crimes no trânsito. O grande número de acidentes de trânsito é uma das

manifestações mais evidentes de uma sociedade doente, onde as frustrações, o medo, a angústia, levam a transformar o automóvel e o trânsito, no palco de uma guerra particular.

Ocorre no Brasil centena de casos de homossexuais assassinados, vítimas de crimes sexuais. A idade dos homossexuais assassinados varia dos 18 aos 70, em geral são mortos em seus apartamentos. Os motivos são basicamente o latrocínio e a "vingança de honra". O homossexual é vítima preferencial do roubo porque os criminosos julgam-no frágil, algo fácil da violência. Os crimes de "honra" geralmente vingam uma proposta de inversão dos papéis sexuais ou o não cumprimento do pagamento esperado. As formas mais freqüentes de assassinato são enforcamento, esfaqueamento ou tiros, comumente acompanhados por verdadeiros rituais de sadismo. Os autores dos crimes, na maior parte das vezes, ficam impunes e os escândalos são abafados.

O tráfico de entorpecente e o "jogo do bicho", especialmente no Rio de Janeiro, deram ao "crime organizado" condições de exercer amplo controle de significativas parcelas da população, impondo sua lei e sua ordem.

A consolidação do crime organizado nas favelas tem estreita ligação com o processo de urbanização que, nos últimos anos, alterou radicalmente a paisagem arquitetônica e o perfil social dos morros do Rio de Janeiro. A maior parte dos favelados, são trabalhadores que, aos poucos, repelem os marginais vulgares. Com isso, abre-se espaço para os bandidos mais organizados, capazes até mesmo de influenciar a comunidade através de proteção e ajuda financeira.

Treinada para reprimir, muitas vezes corrupta e envolvida com o "crime organizado", a polícia serve apenas para reforçar o clima de medo e violência que impera nas grandes cidades, sobretudo em áreas mais pobres.

A violência contra as classes populares é tradição neste país, os hábitos de grosseria são dirigidos especialmente às pessoas mais pobres.

A precariedade dos recursos humanos e de materiais, os baixos níveis salariais impõem limitações à uma trabalho policial eficaz, mas não justificam o uso de violência. Por outro lado, é ingênuo pensar que a "questão policial" se resolve apenas com a alocação de recurso e melhorias salariais, embora tais condições sejam indispensáveis para que se tenha uma polícia minimamente competente, dos

pontos de vista técnico e profissional. A questão policial com suas mazelas e contradições, deve ser examinada em seu contexto social: num país como o nosso, onde alastram violência, corrupção, impunidade, e que a cidadania dos que nada possuem é desqualificada, seria inusitado e surpreendente se a polícia fosse educada, respeitadora e não violenta.

O problema da violência nas escolas, mostra coisa absurdas, inimagináveis até um tempo atrás. O caso de um estudante carregando arma de fogo dentro da mochila, um jovem assassinado dentro da sala de aula por causa de um jogo de cartas ou de um garota agredido por um colega com uma barra de ferro, são exemplos do que vem acontecendo nas escolas atualmente.

As causas sociais que desestruturam as famílias contribuem certamente em forte escala na formação das tendências à violência, entre jovens de modo geral – em especial nas escolas onde eles se juntam. Há a ação de verdadeiras gangues tirando a tranquilidade de muitas escolas. Neste caso, o que falta é uma presença policial ainda mais ostensiva, para inibir inclusive os traficantes de drogas. As escolas particulares ainda podem se proteger melhor seus alunos, pagando sistemas mais eficientes de segurança próprias. Mas as escolas de rede pública nada mais podem fazer quanto a isto, a não ser esperar que a polícia proporcione essa proteção, que é muito precária. Os alunos originários dos estratos de baixa renda já sobrem grande desvantagem. Se além de tantos outros fatores adversos ainda tiverem de enfrentar a insegurança no ambiente em que vão aprender, estarão sendo vítimas de mais uma grande injustiça social. O restabelecimento do clima de segurança nas escolas é uma causa que diz respeito à todos. Todos nós precisamos reagir e somar forças para que as crianças e os jovens possam estudar em paz.

A maior novidade da atividade criminal no Brasil é o seqüestro dos emergentes. Antigamente, os seqüestradores só se interessavam por milionários. A partir do momento que passaram a andar em carros blindados, com guarda costas ao lado, o alvo passou a ser pessoas de classe média e alta, fazendo existências mais modestas em matéria de pagamento de resgate. Hoje, até donos de padarias se tornaram vítimas e entraram na mira, os artistas.

Desde que surgiu na década de 70, com o seqüestro por motivações políticas, esse crime hediondo vem crescendo cada vez mais, com um perfil um

pouco mudado – duram menos tempo e os pedidos de resgate estão mais baixos. Uma consequência perversa do barateamento dos seqüestros é que bandidos que a polícia chama de pés-de-chinelo começaram a se envolver com esse tipo de crime. Quanto maior o despreparo dos marginais, maior ameaça à vida da vítima.

O Brasil aparece em posição de destaque na lista dos mais perigosos no quesito seqüestro, ao lado da Colômbia, México, Filipinas, Paquistão e Guatemala, todos emergentes. São países com aparatos estatais menos eficientes no combate à criminalidade. Noções como a Itália ou os Estados Unidos conseguiram vencer a indústria do seqüestro: a de que uma negócio só vale a pena se a balança dos custos e ganhos, pender para o lado dos ganhos. Por isso, os especialistas apontam a atuação forte da polícia como fundamental para aumentar os riscos do seqüestro e tornar o negócio inviável.

No últimos anos, a violência nos estádios vem aumentando cada vez mais. As torcidas organizadas se agredem fiscalmente, rasgam-lhes as camisas causando espancamentos e nestas brigas há sempre integrantes portadores de armas, os quais efetuam disparos, resultando vários assassinatos.

A maioria das causa é o acúmulo de torcedores na área externa dos estádios e a policiamento responsável pela guarda só chega ao local no momento de iniciar a partida de futebol.

Com o aumento assustador e descontrolado da violência que vem ocorrendo em todos os lugares, o objetivo dos nosso governantes é equipar a polícia para enfrentar os bandidos de formas mais equilibrada. Mas isso não é suficiente, armas e coletes podem salvar a vida dos polícias, no confronto com os bandidos, o que é muito bom, mas ano reduzirá em nada os homicídios, os assaltos, a criminalidade.

A solução para este problema não pode vir unicamente do combate ao crime, deve-se construir uma democracia sobre os princípios da igualdade em todos os sentidos, colocando-a em prática.

É preciso colocar a pessoa humana, imagem e semelhança de Deus, como Centro de referência de toda a organização social.

CONCLUSÃO

Ao concluir este trabalho percebe-se que o homem desde a seu nascimento é moldado por vários fatores: o ambiente em que vive, a educação que recebe dos pais e professores, as informações que recebe através dos meios de comunicação. Quando essas informações são trabalhadas e colocadas de maneira correta para as crianças, a propensão será para o bem, o justo, o consciente; quando acontece o contrário, pode causar um mal muito grande. E, infelizmente, é isso que vem acontecendo em nosso país, em nosso mundo: crianças que se transformaram em jovens rebeldes e posteriormente se transformarão em adultos criminosos.

Entristeço ao perceber que a tendência não é o melhorar, já que poucos são justos e conseguem perceber a dimensão do problema.

Essa violência que a cada dia cresce mais, denuncia uma autodestruição, quer pela ação direta das forças destrutivas no homem, quer pela omissão que leva amplos setores da sociedade a serem espectadores passivos desse espetáculo que na maioria das vezes não tem um final feliz. A principal causa da crise da juventude é o descompasso entre o desejo de consumo e a falta de meios para satisfazê-la. Frustrados, buscam alternativas e, uma delas é a vida marginal.

Como professores, deve-se trabalhar com as crianças e os jovens, a ordenação do pensamento, salientando os princípios morais para quando chegarem a independência conseguirem-se defender da violência em todos os sentidos, principalmente moral.

A responsabilidade não é só do governo, também temos que lutar contra esse mal. Deve-se compreender o papel de formadores, aprendendo a lidar com os "seres violentos". Temos que os olhar como seres humanos, que necessitam de auxílio e de carinho, procurando entender a realidade que nos cerca, deixando os preconceitos de lado e buscando reverter o quadro de miséria e marginalidade que direta ou indiretamente nos atinge.

É preciso que haja uma mudança radical por parte de todos, tendo a consciência de que um trabalho dessa categoria para que surta efeito exige um longo prazo, principalmente por que o que se pretende mudar é a consciência do homem, para que se torne um SER HUMANO.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de Referência

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ENCICLOPÉDIA ABRIL. São Paulo, 1973.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Básico de Filosofia*. 1ª ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1988.

JAPIASSU, Hilton & MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zanoar, 1989.

LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1993

Bibliografia

ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

Bock, Ana Maria Bahia et alii. *Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia*. 8ª ed. São Pulo: Saraiva, 1995.

DADOUN, Roger. *A violência - Ensaio acerca do "homo violens"*. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

DECONCHY, Jean-Pierre. *O desenvolvimento Psicológico da Criança e do adolescente*. Pórtico Lisboa, s.d.